

XV SEMINARIO INTERNACIONAL
Red Iberoamericana de Investigadores
sobre Globalización & Territorio

SANTIAGO

28 - 30
Noviembre
2018



“CRISIS Y DESIGUALDAD:
IMPACTOS URBANOS Y TERRITORIALES
EN IBEROAMÉRICA”

R11



PONTIFICIA
UNIVERSIDAD
CATÓLICA
DE CHILE

APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO, CIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS HABITACIONAIS NAS CIDADES MÉDIAS BRASILEIRAS

Mariana Barbosa de Souza,
Tuize Hoff e Fernanda Jardim.

Considerações iniciais

- **Objetivo geral:** Propor uma reflexão acerca da segregação urbana em cidades médias do Brasil, a partir das políticas públicas de habitação social e sua relação com as mulheres.



- **Objetivos específicos:**

- a) Discutir o conceito de segregação urbana presente na bibliografia latino-americana e relacionar com as questões de gênero;
- b) Incorporar as questões de gênero aos estudos sobre desenvolvimento urbano pela perspectiva das políticas públicas habitacionais; e
- c) Identificar de que forma que o fenômeno da segregação urbana atinge as mulheres da periferia

Compreendendo o conceito de Segregação urbana

- Flávio Villaça (2001), quanto à dimensão espacial da segregação; Roberto Lobato Corrêa (2013), quanto à relação da segregação com o local de habitação dentro da cidade e Eduardo Marques (2005 e 2015), quanto à dimensão social do mesmo fenômeno.

Compreendendo o conceito de Segregação urbana

- Contraposição da segregação por poder de escolha, ou “autosegregação”, e a segregação por imposição, ou “segregação induzida”.
- Partimos da premissa de que as consequências da segregação para as mulheres pobres, para a comunidade LGBTQI+ e para todos aqueles que estão à margem de alguns processos, envolvem fatores específicos de gênero e de seu papel social, questão que não foi considerada pelos

Compreendendo o conceito de Segregação urbana

- Não se pretende detalhar os entendimentos a respeito do conceito de gênero;
- A diversidade é um elemento importante para a compreensão da construção da cidade não normativa;
- As construções sociais influenciam na produção do espaço urbano, tendo em vista que essa produção se dá diante de relações sociais que se reproduzem e são contingenciadas, mas também tensionadas e reconfiguradas a partir de

Gênero e Segregação Urbana

- Adota-se o entendimento criado pela perspectiva feminista de espaço urbano, de que não existe neutralidade técnica ou científica possível (TAVARES, 2015; SILVA, 2003; MCDOWELL, 1999) e, portanto, compreende-se que há uma relação dialética entre a submissão reproduzida na produção do espaço urbano de forma normativa e racionalista, e a concepção feminista de construção e mudança da cidade, a

Gênero e Segregação Urbana

- As mulheres têm dupla jornada de trabalho (doméstico e remunerado) e usam o espaço das cidades de maneira complexa, conforme as atividades que necessitam desempenhar, ou seja, conciliando as suas atividades remuneradas e não-remuneradas. Noutro sentido, o homem-médio, branco, heterossexual e produtivo perfaz deslocamentos pendulares, tradicionalmente em veículos motorizados, que vão da casa

Gênero e Segregação Urbana

- Deslocamentos pendulares *versus* deslocamentos poligonais;
- Em se tratando de mulheres em situação de vulnerabilidade, que não possuem acesso aos bens e serviços particulares, esta condição prejudica significativamente a mobilidade urbana e, conseqüentemente, a sua autonomia.

Gênero e Segregação Urbana

- Sujeitos que não se encaixam no modelo produtivo necessário à reprodução capitalista do espaço urbano, tem como resultado a exclusão social, no qual a pobreza resta fortalecida, porque as políticas públicas urbanas são pouco eficazes, sobretudo no que tange às questões relativas a

Gênero e Segregação Urbana

- A partir de políticas públicas específicas ou em razão da própria condição social que as acomete, as mulheres ocupam as periferias mais empobrecidas e restam à mercê de inúmeros tipos de violência;
- Ocupam de maneira diferente o espaço urbano;

Considerações finais

- A apropriação dos conceitos necessários ao entendimento de *segregação urbana* mostrou-se como um estímulo a mais, porque a epistemologia feminista parte do gênero feminino (entendido aqui em uma abordagem inclusiva), sendo necessária uma nova análise de muitos conceitos,

Considerações finais

- A construção teórica privilegiou o surgimento de elementos e categorias inéditos, e não apenas compará-los às bases teóricas.
- Sendo assim, destacamos a importância de ter-se atribuído ao espaço urbano um caráter relacional, entendendo a dialética e suas forças que o conformam, compreendendo este espaço como não normativo, a partir da elaboração de novos territórios, especialmente os que surgem das vivências das mulheres.

Considerações finais

- Percebemos que as mulheres estão submetidas a constrangimentos que são intrínsecos à condição de pessoa segregada no espaço urbano e que está relacionado ao papel imposto a partir de condicionantes normativos do próprio planejamento urbano, com todas as suas características históricas funcionalistas.

Considerações finais

• RESISTÊNCIA, por meio da criação de pequenas redes de sociabilidade, como concluiu a análise de Hoff (2018) a partir do estudo realizado na cidade média de Santa Cruz do Sul, no Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul

Considerações finais

- É necessário ampliar o rol de possibilidades que envolvem a temática, a fim de contribuir e enriquecer o debate acadêmico.
- Há uma contradição entre a base teórica escolhida, que se mostra insuficiente para dar conta do objeto empírico escolhido para o presente artigo. Isso se explica porque grande parte dos autores que são considerados cátedras no Brasil, quando se trata de segregação urbana, continuam

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do espaço geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs.) A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2014.

GONZAGA, Teresinha. A cidade e a arquitetura também mulher: planejamento urbano, projetos arquitetônicos e gênero. São Paulo: Annablume, 2011.

HELENE, Diana. Preta, pobre e puta: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga. 2015. 339 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – Mestrado e Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HOFF, Tuize Silva Rovere. A cidade e a mulher: segregação urbana feminina em Santa Cruz do Sul/RS. 2018. 146 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2018.

MCDOWELL, Linda. Género, identidad y lugar: un estudio de las geografías feministas. Madrid, Espanha: Ediciones Cátedra, 1999.

MADARIAGA, Inés Sánchez. Infraestructuras para la vida cotidiana y calidad de vida. Ciudades: Revista del Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de

Referências

MARQUES, Eduardo. As redes sociais importam para a pobreza? Revista Dados, V. 52, N° 2, Rio de Janeiro, junho de 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582009000200006. Consultado em 28/06/2018.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, Joseli M. Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa, PR: Toda palavra, 2009.

TAVARES, Rossana Brandão. Indiferença à diferença: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero. 2015. 231 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – Mestrado e Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-Urbano no Brasil. São Paulo: FAPESP, 2001

OBRIGADA!

marisouza_10@hotmail.co

m

ftjardim@hotmail.com

tuize.hoff@gmail.com